

Sarney tem candidato onde quer

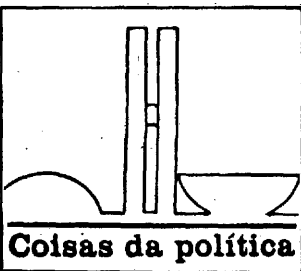
19 AGO 1986

A imparcialidade de magistrado do presidente José Sarney nesta campanha para a eleição de governadores e do Congresso-Constituinte deve ser analisada como uma tática política e não creditada a um injustificável excesso de escrúpulo.

Na verdade, o presidente Sarney selecionou os seus candidatos e está dosando a participação do governo para não passar das medidas nem desperdiçar apoio

com quem não precisa nem merecer. O Presidente tem candidatos onde pode e necessita.

As peculiaridades do quadro eleitoral impõem os primeiros condicionamentos a uma atuação mais desembaraçada do Governo. Afinal, ao menos teoricamente, o Presidente é sustentado pela Aliança Democrática que se equilibra, mal e mal, em cima das pernas desiguais do PMDB e do PFL. Ora, o Presidente está assim embaraçado pela desarrumação da sua base partidária e não tem como torcer, às claras, naqueles estados em que o PMDB se engalfinha com o PFL na briga tradicional pelo governo. A preservação da



Coisas da política

Aliança só aconteceu em casos excepcionais; a regra é a rivalidade vindo à tona, com o ímpeto que as conveniências não conseguem dissimular.

Para o Governo é afinal conveniente resguardar-se, assistindo de camarote à troca de sopapos entre os pândegos aliados na fruição das mordomias federais. Mas nem mesmo o cuidado em não desagradar as suas frágeis escoras detém o presidente Sarney quando o interesse do Governo está em jogo.

É só seguir a linha do efetivo empenho do Governo nas eleições que tocam, de perto e fortemente, o coração do Presidente ou o seu esquema político. Em São Paulo, por exemplo, como o PFL malufou, o natural impulso seria abanar a candidatura de Orestes Quêrcia, que está entalada, como uma espinha, na goela do PMDB. A inviabilidade eleitoral gritante de um candidato que encolhe a cada pesquisa empurrou o Presidente para o lado para que ele já pendia: é escancarada a intromissão orquestrada do Governo para embalar a candidatura novamente em ascensão de Antônio Ermírio de Moraes, talvez a única barragem capaz de deter a eleição de Paulo Maluf, com todas as repercussões desgastantes de uma derrota da Nova República.

Em Minas, a desordem que se instalou no PMDB e o emaranhado de caminhos dificultam uma tomada mais clara de posição. E há o complicador de presenças fortes em campos opostos, intimidando o Governo. De

um lado, o ministro Aureliano Chaves, com os seus rompantes; do outro, o imprevisível temperamental que se revelou o governador Hélio Garcia. O quadro mineiro ainda está sujeito a alterações. Pelo menos, dá essa impressão, de tal modo parece inaceitável que o PMDB empaque no despudor de insistir na candidatura do notório ex-prefeito de Contagem, Newton Cardoso. Se o governador Hélio Garcia e o PMDB não fizerem as pazes com o bom senso, o presidente Sarney dispensará o biombo que esconde a sua inevitável simpatia pela candidatura do senador Itamar Franco, abrindo o jogo e dando a ajuda possível para que Minas não cobre dele a sua desqualificação para participar, num lugar destacado, do debate sobre o futuro e que passa pela sucessão presidencial.

Aqui no Rio de Janeiro, não há o que discutir. O governador Leonel Brizola, com a virulência dos seus contundentes pronunciamentos contra o plano de estabilidade financeira, terminou por bater de frente com o presidente José Sarney. O Governo tem um inimigo e ele se chama Brizola. O Governo não se precavou ao mobilizar o que estava ao seu alcance para costurar a Aliança com a linha mais resistente da candidatura de Moreira Franco.

Minas é um problema não equacionado; São Paulo e Rio de Janeiro, os dois campos onde o Governo trava as suas batalhas eleitorais mais importantes. Pois, se as achegas do Governo ajudarem a derrotar Brizola e

Maluf, o presidente José Sarney terá retirado do tabuleiro duas peças que poderão perturbar, e gravemente, os lances futuros na Constituinte.

Resta o Maranhão que se ajusta em outra classificação. Não se trata de uma eleição de peso federal a não ser pela sabida circunstância de o presidente Sarney ser maranhense e líder da política do seu Estado. Ali, o Presidente jogou bruto, entrou com tudo, definindo a escolha do candidato mais leve mesmo ao preço da reconciliação com seu velho desafeto, deputado Epitácio Cafeteira. Mas o Maranhão é um caso pessoal do Presidente, sem outra avaliação nacional.

A tática de uma intervenção medida, cuidadosa, justificada por necessidades imperiosas que não precisavam ser explicitadas, está pendurada numa estratégia que se vai desvendando com razoável limpidez. O presidente José Sarney sabe que não tem como eleger para a Constituinte uma bancada majoritária e de confiável fidelidade. Ele depende sempre, cada vez mais, da própria popularidade. Dela cuida todos os dias e horas, nos retoques ao cruzado ou nos remendos do plano agrícola.

A popularidade que ele e o seu governo ostentam quando da instalação da Constituinte é que determinará a solidez ou fragilidade da sua base de sustentação. Claro que, com Maluf e Brizola fora do baralho, o carteadado fica bem mais fácil.